

# **Pós-protestantismo: descrição e análise de um caso de dissidência religiosa na comunidade rural Noiva do Cordeiro, em Belo Vale, MG**

Post protestantism: description and analysis of a case of religious dissent in rural  
community Noiva do Cordeiro, in Belo Vale, MG

*Adilson Schultz<sup>1</sup>*

## **Resumo**

Noiva do Cordeiro é uma comunidade rural do interior de Minas Gerais que forjou um modo de vida alternativo, radical e sustentável, que inclui liderança política de mulheres, partilha de bens, trabalho em conjunto, abolição do casamento civil, e fim da religião. Iniciada em 1891 com Dona Senhorinha de Lima, que seria excomungada pela Igreja Católica e rechaçada socialmente por ter decidido abandonar um casamento arranjado para viver com um outro homem, passando por um período de quarenta anos de vida comunitária austera e isolada na Igreja Evangélica Noiva do Cordeiro, pela decisão coletiva de abandono de toda forma de religião, em 1991, até chegar ao modo de vida diferenciado atual, a história de Noiva do Cordeiro está carregada de eventos e personagens paradigmáticos de dissidências e rupturas. Além de apresentar a história da Comunidade, o presente texto apresenta teorias sociológicas e teológicas explicativas para esse momento pós-religioso, pós-evangélico e pós-social que a comunidade está vivendo, especialmente o pensamento de Paul Tillich, Karl Jaspers e Alain Touraine, seus conceitos de Princípio Protestante, Constituição de sujeitos, e Ser-si-mesmo.

## **Palavras-chave**

Noiva do Cordeiro. Pós-protestantismo. Karl Jaspers. Alain Touraine. Paul Tillich.

## **Abstract**

Noiva do Cordeiro is a rural community in Minas Gerais that forged an alternative way of life, radical and sustainable, which includes women's political leadership, asset sharing, working together, abolition of civil marriage, and the end of religion. Begun in 1891 with Dona Senhorinha de Lima, who would be excommunicated by the Catholic Church and socially rejected for having decided to leave an arranged marriage to live with another man, going through a period of forty years of isolated and austere community life in Evangelical Church Noiva do Cordeiro, the collective decision to abandon all forms of religion, in 1991, to reach the distinctive way of life today, the story of Noiva do Cordeiro is charged events and characters paradigmatic schisms and ruptures. In addition to presenting

---

<sup>1</sup> Adilson Schultz. Doutor, mestre e bacharel em teologia. Licenciado em Ciências Sociais. Professor na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e no Instituto Metodista Izabela Hendrix. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. [adilson@pucminas.br](mailto:adilson@pucminas.br)

the history of the community, this article presents sociological theories and theological explanations for this post-religious, post-evangelical and post-social moment that the community is living, especially the thought of Paul Tillich, Karl Jaspers and Alain Touraine, their concepts of Protestant Principle, Constitution of subjects, and Being-itself.

#### **Keywords**

Noiva do Cordeiro. Post-Protestantism. Karl Jaspers. Alain Touraine. Paul Tillich.

## **Introdução**

A comunidade Noiva do Cordeiro tem elementos que fazem dela um fenômeno exclusivo em termos de organização social, constituição de sujeitos e vivência religiosa. Num lento e intrincado processo de rupturas e reconstruções políticas, afetivas, religiosas e ideológicas, que já dura mais de um século, essa comunidade forjou um modo de vida alternativo e radical, que inclui partilha de bens e uso comum da terra, produção e gestão coletiva do trabalho, liderança política e espiritual de mulheres, abandono da igreja e qualquer outra forma de religião institucionalizada, fim do casamento civil e religioso. Mesclada ainda por uma série de episódios de perseguições e preconceitos a que esteve submetida, a história de Noiva do Cordeiro é um episódio fascinante.

O texto que segue apresenta, primeiramente, a história da Comunidade, iniciando em 1891, ano em que Dona Senhorinha de Lima é excomungada por ter decidido abandonar o casamento e passar a viver com outro homem, de quem estava grávida. Depois descreve o período de quatro décadas, a partir de 1953, em que toda a comunidade de seus descendentes passa a fazer parte da *Igreja Evangélica Noiva do Cordeiro*, iniciando um período de grandes privações e vida austera. Finalmente, descreve o período mais recente, a partir de 1991, quando a comunidade toma a decisão coletiva de abandonar a Igreja e não ter mais religião alguma.

Depois da descrição histórica o texto apresenta análises teóricas do fenômeno, com conceitos e categorias da sociologia, filosofia e teologia que ajudam a ler o que acontece em Noiva do Cordeiro, especialmente o ambiente pós-religioso, pós-evangélico e pós-social que a comunidade está vivendo. Aí são referidos os pensadores Paul Tillich, Karl Jaspers e Alain Touraine, com seus conceitos de Princípio Protestante, Constituição de sujeitos, e Ser-si-mesmo. Essas análises teóricas iniciam, no entanto, com uma breve estrutura das dissidências que embalam a comunidade, quais sejam, as dissidências de gênero, de religião, e de economia; uma breve teoria da dissidência é apresentada nesse contexto.

## Aspectos da história da comunidade Noiva do Cordeiro

Noiva do Cordeiro é o nome de uma comunidade rural do distrito de Roças Novas de Cima, localizada no município de Belo Vale, Estado de Minas Gerais, município com cerca de dez mil habitantes, distante 120 km da capital Belo Horizonte.<sup>2</sup> Noiva do Cordeiro tem características geográficas e culturais comuns a muitas regiões interioranas de Minas e do Brasil, prevalecendo a vida tranquila do campo, com forte vocação para a agricultura, sendo que metade da população vive na zona rural. Vive-se aí de agricultura de subsistência, com plantio de milho, arroz, feijão, café, laranja e tangerina, além de criação de porcos, peixes e gado. Vivem na comunidade Noiva do Cordeiro cerca de 250 pessoas, distribuídas em 40 casas aglomeradas num ponto comum da pequena propriedade originalmente de 16,2 hectares – que graças aos casamentos teve agregada novas áreas, e hoje a soma cerca de 40 hectares. Há uma relação de parentesco entre a maioria das pessoas, sobretudo de dois núcleos consanguíneos: os Fernandes, descendentes de Delina Fernandes, e os Imediato, descendentes de Geraldina Imediato, prima de Delina. Primas, são netas de Dona Senhorinha de Lima e Francisco Fernandes. Juntas as duas tiveram 25 filhos/as, muitos/as já casados/as e também com filhos/as.

O nome da localidade foi herdado de um movimento religioso homônimo que existiu na comunidade por quase 40 anos, a Igreja Evangélica Noiva do Cordeiro, criada em 1953 pelo pastor batista Anísio Teixeira, e extinta em 1991. Já na década de 1940 o então pastor-missionário de uma Igreja Batista de Belo Vale começou a fazer missão na localidade, convertendo algumas pessoas à fé evangélica. Mais tarde, em 1962, ele se casaria com uma moça da Comunidade, justamente a agora matriarca Delina Fernandes. Curiosamente apenas depois do fim da Igreja, em 1991, é que a comunidade passa a se autônomoar como Noiva do Cordeiro, sendo antes conhecida apenas como Roças Novas de Cima, nome do distrito a que pertencia.

Para entender a história religiosa da comunidade é necessário ir até pelo menos até 1891, ano em que Dona Senhorinha de Lima, a antepassada comum de Noiva do Cordeiro, é excomungada pelo padre de Belo Vale por ela ter rompido um casamento de 3 meses e passado a viver com outro homem, do qual estava grávida.<sup>3</sup> O novo casal teve que

---

<sup>2</sup> As informações históricas foram compiladas a partir de depoimento de informantes da própria comunidade, em pesquisa empírica. O trabalho de pesquisa empírica foi desenvolvido em 2010, com visita agendada e guiada à comunidade. Além de material fotográfico e midiático, foram recolhidos depoimentos informais com moradores da comunidade, e feitas duas entrevistas formais com lideranças da comunidade, Maria Imediato e Marta Fernandes (nomes fictícios), doravante citadas como IMEDIATO, Maria. *Entrevista I*. [agosto. 2010]. Entrevistadores: Adilson Schultz e Anete Roesse. Belo Horizonte, 2010. Manuscrito e FERNANDES, Marta. IMEDIATO, Maria. *Entrevista II*. [agosto. 2010]. Entrevistadores: Adilson Schultz e Anete Roesse. Belo Horizonte, 2010. Manuscrito. Também foram consultados materiais jornalísticos, blogs, páginas de internet e sites governamentais, conforme referências dispostas ao longo desse texto.

<sup>3</sup> Esta história está amplamente relatada em ALVES, Alfredo. *Noivas do cordeiro*. Rio de Janeiro : GNT, Globo Filmes, 2008 – filme documentário. Exibido originalmente no canal GNT em 26 de fevereiro de

sair do distrito de Roças Novas de Cima, e construiu a casa onde hoje está Noiva do Cordeiro. Dona Senhorinha passaria a ser taxada de prostituta, assim como depois seus onze filhos e filhas. A excomunhão teria vindo acompanhada de uma maldição, que devia durar cem anos, ou quatro gerações, ficando dito que todas as mulheres da família seriam prostitutas. Curiosamente, no imaginário do entorno, e também no discurso da própria comunidade, fica muito evidente a marca de prostituição que insiste em rondar as mulheres de Noiva do Cordeiro: há relatos de tentativas de invasão das casas das mulheres por homens que queriam transar com elas, mesmo as casadas, relatos de hostilidade com as mulheres que vão a Belo Vale fazer compras, relatos de hostilidade dos próprios familiares de Francisco Fernandes, que tinha que dormir no paiol quando ia visitar a família, pois era considerado indigno e impuro devido ao adultério.<sup>4</sup>

Dona Delina, nascida em 1946, atual líder da comunidade, chamada pelas próprias filhas de “nossa matriarca”, é neta de Dona Senhorinha de Lima. Em 1962, com 16 anos de idade, se casaria com o pastor Anísio Teixeira, ele então com 43 anos. Teve com ele 15 filhos! Anísio morreu em 1995.

Segundo os relatos de Delina,<sup>5</sup> a comunidade rural encontraria na Igreja do Pastor Anísio um porto seguro para organizar a vida comunitária. Era uma igreja tipicamente sectária, de trato pentecostal clássico, com modo de vida ascético e quietista, com observância de rigoroso regime de oração, com três momentos de oração diária de 40 minutos cada, sendo observados dois a três jejuns semanais, além de proibição de uso de anticoncepcionais, imposição de cabelo longo para mulheres, uso exclusivo de saias e roupas longas para mulheres, proibição do uso de música profana, inclusive rádio e televisão. Também era proibido falar com as pessoas de fora da comunidade.<sup>6</sup>

Ao longo de 1991 a comunidade decide acabar com a Igreja, e com esse ato decide também abandonar toda forma de religião instituída. No relato da comunidade, são dois acontecimentos distintos. Primeiro a comunidade foi lentamente “largando a igreja assim devagarinho”;<sup>7</sup> depois veio a decisão de não ter mais igreja, descrito como “a gente viu que pra falar com Deus não precisa ir a um culto”.<sup>8</sup> O fato que marcou o fim da igreja foi a festa de casamento de uma filha de Delina, que pediu para ter música na celebração e na festa. Pela primeira vez depois de tantos anos as pessoas dançaram, e muitos ouviam música pela primeira vez. A própria Delina, então esposa do pastor, dançou, e diz que quase morreu de aflição. Todos dançaram, e assim romperam simbolicamente com a

---

2008. O filme está disponível em alguns sites na internet, como em <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/as-noivas-do-cordeiro-em-belo-vale-minas-gerais>> - e <<http://www.youtube.com/watch?v=cVmjlhORxso&feature=youtube>>. Acesso em: 06 mar. 2013.

<sup>4</sup> ALVES, 2008; FERNANDES, 2010.

<sup>5</sup> ALVES, 2008; FERNANDES, 2010.

<sup>6</sup> ALVES, 2008.

<sup>7</sup> ALVES, 2008.

<sup>8</sup> ALVES, 2008.

marca ascética da igreja – curiosamente, no local da igreja a comunidade decide fazer um local de encontro e alegria, mais propriamente um bar, com pista de dança! Mas as mulheres associam o fim da igreja também à fome e miséria que reinava na comunidade – “como ia trabalhar, se tinha que fazer 3 jejuns por semana, tirar três vezes por dia 40 minutos de oração? E muita criança, porque não podia anticoncepcional...”.<sup>9</sup> Há ainda uma causa teológica para o fim: “aí a gente foi pensando: como pode que só nós vamos pro céu? Tem tanta gente no mundo, e será que só nós vamos pro céu?”.<sup>10</sup> Dona Delina relata uma dificuldade a mais, que era mudar de casa e de cidade sempre que o marido decidia por um novo campo de missão - a igreja teve unidades também nos municípios de Desterro de Entre Rios e Montes Claros.

### **A reorganização da comunidade Noiva do Cordeiro na era pós-religião**

Desde 1991, portanto, a comunidade vive uma história sem-igreja – ou seria melhor falar pós-igreja? Pós-evangélico, talvez; pós-protestante? Já era pós-católico-romana desde 1891, e agora, cem anos depois, é pós-evangélica também. Não celebram matrimônio, não fazem santa ceia, nada do cerimonial religioso de enterro, nada de batismo de infantes ou de adultos, nada de bênção matrimonial, nenhum outro sacramento, nada de pastor, nada de padre...<sup>11</sup> Abandonou-se o ascetismo e o quietismo. As pessoas passaram a se comunicar com quem é de fora. Há uma memória difusa que registra o fato de terem permanecido na comunidade apenas as pessoas que concordaram em abandonar a religião, e também que foram recebidas em Noiva do Cordeiro algumas pessoas que viviam nas comunidades de Montes Claros e Desterro de Entre Rios.

Mas o fim da igreja não significou, necessariamente, fim da fé em Deus. Flávia Imediato diz que “não precisa ir ao culto para ver Deus; Ele está em todo lugar; vejo ele quando me deito, quando me levanto; vejo Deus nas pessoas, num abraço”.<sup>12</sup> Para ela a marca da espiritualidade da comunidade está no amor ao próximo: “Quando a Igreja

---

<sup>9</sup> ALVES, 2008.

<sup>10</sup> ALVES, 2008.

<sup>11</sup> Há um aspecto a explorar ainda no futuro, uma curiosa similaridade com outra experiência próxima geograficamente: distante cerca de 10km de Noiva do Cordeiro, passando por uma estrada de terra, do outro lado da colina onde está situada a comunidade Noiva do Cordeiro, fica o Vale da Imaculada Conceição, local onde desde setembro de 1987 ocorrem regulares aparições de Maria, Nossa Senhora. Uma comunidade fraternal vive no local, com peregrinos do país inteiro, que inclusive se desfizeram dos bens e vivem em comum ao redor da capela onde ocorrem as aparições. Uma mulher é a “vidente” que recebe e transmite as mensagens. O vale fica no município de Piedade de Gerais, vizinho de Belo Vale – aliás, mais próximo de Noiva do Cordeiro do que a própria sede do município de Belo Vale, distante 20km. Confira detalhes em APARIÇÕES NOSSA SENHORA DE PIEDADE: Canal de Comunicação Oficial das Aparições de Nossa Senhora de Piedade, no Santuário da Mãe de Piedade (Vale da Imaculada Conceição) em Piedade dos Gerais - MG. Site. Disponível em <http://www.valedaimaculadaconceicao.com.br/>. Acesso em: 02 maio 2013.

<sup>12</sup> ALVES, 2008.

acabou, a mãe pegou a essência do que era realmente importante, que não é você ficar fazendo oração em Igreja. Acho que agrado a Deus não fazendo uma oração, mas sendo uma pessoa melhor, ajudando os outros. Eles [os religiosos] pregam uma coisa, mas não vivem o que pregam. A gente vive e não prega”.<sup>13</sup> A mesma compreensão tem Dona Delina, e diz que a comunidade herdou da igreja o modo de vida comum: “quer dizer que esse jeito de viver em comum, essa união que a gente tem hoje, veio foi lá da Igreja mesmo, um aprendizado da igreja mesmo que ficou”.<sup>14</sup> De fato não há na casa-sede da comunidade qualquer referência religiosa simbólica. Mas também há um jogo de discurso opondo o isolamento da comunidade no tempo da igreja e a integração com o mundo exterior experimentado atualmente; e embora exista um reconhecimento do papel agregador da igreja, há também uma crítica ao modo de vida de então: “o pastor uniu as pessoas, mas as separou das demais”.

O fim da igreja ameaçou a unidade e a sobrevivência da comunidade. Delina é vista como aquela que tomou as rédeas da situação e decidiu lutar. Organiza uma associação formal, e inicia um processo de renovação financeira da comunidade. Graças à herança de solidariedade e vida em comum, a comunidade organizou um modo de produção coletiva na roça, trabalhando juntos na mesma terra. A prática de mutirões é a marca do trabalho na roça; plantam e colhem os frutos juntas. Nada é vendido, ficando apenas para a subsistência. Flávia Fernandes exalta o modo de vida comunitário e naturalista: “Lá a gente vive e sobrevive do que planta. Sem agrotóxico. Temos uma horta comunitária. Tem o artesanato, a pequena fábrica de lingerie e tapetes”.<sup>15</sup> As mulheres não se cansam de repetir o mote da comunidade: “Aqui nada é de ninguém; tudo é de todos”.<sup>16</sup>

A comunidade tem uma grande casa comum, com cerca de 20 quartos, onde se alimentam diariamente cerca de 80 pessoas, e dormem cerca de 50. O trabalho está dividido e organizado, e há aquelas mulheres designadas para o serviço de limpeza, de cozinha, de roça, de fábrica de tapetes, e também alguns homens. A maioria das mulheres passa o dia trabalhando e vivendo juntas ao redor dessa grande casa, e muitas vão dormir com seus filhos em casa própria ali mesmo na comunidade. Partilham roupas, bens e a própria casa. Essa casa comum sucedeu a antiga casa que tinha abrigado já Dona Senhorinha de Lima, e foi construída com a chegada da família de Dona Geraldina e seus 11 filhos na década de 1990.

---

<sup>13</sup> Cf. depoimento-testemunho de Flávia, moradora da comunidade, disponível em MURTA, Helen et al. Surgimento da comunidade. *Blog Noiva do cordeiro*. Disponível em <<http://noivadocordeiro.zip.net/historia/>>. Acesso em: 02 maio 2013. O blog é resultado de projeto experimental de curso de jornalismo de uma faculdade de Belo Horizonte.

<sup>14</sup> ALVES, 2008.

<sup>15</sup> PEREIRA, Rosalee Fernandes; IMEDIATO, Flávia. Minas pelo fim da violência contra a mulher entrevista a vereadora Rosalee Fernandes Pereira. Programa O gigante do ar. Rádio Inconfidência AM 880, em 19 de abril de 2013. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2XBg3lc40-4>>. Acesso em: 02 maio 2013.

<sup>16</sup> ALVES, 2008.

Também a educação dos filhos é partilhada, sendo inclusive destacadas algumas mulheres na comunidade que têm a especial função de cuidadoras. “As crianças vão desde cedo aprendendo esse modo de viver partilhado, e têm várias mães; vão passando de colo em colo durante o dia”.<sup>17</sup> Há também um esforço especial para a educação formal das crianças, com biblioteca e sala de aula para reforço escolar no porão da antiga casa-sede da comunidade. Aí funciona também um curso de alfabetização de adultos. Uma das filhas de Delina cursou o Ensino Médio, e é a professora.

A comunidade faz questão também de destacar seu modo comum de diversão, com amplo gosto por teatro e música. Recentemente um grupo de jovens desenvolveu um projeto de oficina de teatro, que formou dezenas de jovens da comunidade na arte da representação, culminando no projeto cultural *Cover de Lady Gaga*, que foi apresentado em 12 comunidades rurais vizinhas.<sup>18</sup> Os jovens repetem exaustivamente a tarefa quase missionária de levar seu modo de vida para outras comunidades, também para acabar com o preconceito. Uma dupla de música sertaneja também se formou na comunidade, *Márcia e Mateus*, inclusive com gravação de CDs e shows.

Uma fábrica de tapetes e lingerie foi construída a partir da iniciativa das costureiras da comunidade, já no início dos anos 1990, hoje transformada num rentável empreendimento financeiro. Em 1999 a fábrica foi formalizada, graças à criação da *Associação Comunitária Noiva do Cordeiro*, formada com o intuito de possibilitar a promoção e a independência econômica das famílias da comunidade de Noiva do Cordeiro. Uma grande mudança na comunidade aconteceu a partir do ano 2004, quando sediou o primeiro projeto de informática rural do estado de Minas Gerais. Logo a comunidade ganharia status de modernidade, e passou a oferecer cursos para outras comunidades. Esses cursos são considerados o fator que motivou o derradeiro gesto de rompimento das barreiras que separavam Noiva do Cordeiro das comunidades vizinhas. Uma intensa troca de visitas passa a acontecer, gerando espanto, encantamento e surpresas de parte a parte.<sup>19</sup>

As mulheres são maioria absoluta em Noiva do Cordeiro, e a diferença fica mais evidente durante a semana, quando alguns poucos homens vivem na comunidade, pois muitos trabalham e moram em Belo Horizonte, vindo passar apenas o final de semana com a família – esse, aliás, é apontado pelas mulheres como a principal dificuldade da

---

<sup>17</sup> ALVES, 2008.

<sup>18</sup> COUTINHO, Jefferson da Fonseca. *Jovens de Noiva do Cordeiro organizam grupo artístico e sepultam preconceito*: elas dão novo exemplo de superação e, mesmo sem deixar a rotina do campo, conquistam espaço. *Jornal Estado de Minas*. Edição de 22 de abril de 2012. Versão digital. Belo Horizonte, 2012. Disponível em:

<[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/04/22/interna\\_gerais,290238/jovens-de-noiva-do-cordeiro-organizam-grupo-artistico-e-sepultam-preconceito.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/04/22/interna_gerais,290238/jovens-de-noiva-do-cordeiro-organizam-grupo-artistico-e-sepultam-preconceito.shtml)>. Acesso em: 02 maio 2013.

<sup>19</sup> TEIXEIRA, Mônica. Semana de inclusão digital - reportagem especial. *Jornal Nacional*. [ ? ] de abril de 2007. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão. Mídia televisiva. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?NR=1&feature=endscreen&v=gmi1Fd4GGZE>>. Acesso em: 02 maio 2013.

comunidade atualmente, pois não há trabalho para os homens na região, e o serviço de roça não dá para sustentar e alimentar toda a comunidade. Cerca de 40 homens são assalariados em Belo Horizonte, sobretudo em serviços braçais - aliás, lá também formaram uma casa comum, estilo república, onde vivem cerca de 20 homens.

As mulheres não apenas são ampla maioria na comunidade, como também fazem prevalecer sua liderança. É uma mulher a atual presidente da Associação, Edilene Fernandes. Uma mulher, Rosalee Fernandes, é quem representa a comunidade na Câmara de vereadores de Belo Vale, única mulher entre os 9 vereadores eleitos para a legislatura 2013-2016 - ela já tinha sido vereadora na gestão 2005-2008. E, sobretudo, é uma mulher a liderança política, moral e espiritual de Noiva do Cordeiro, uma típica matriarca familiar, dona Delina Fernandes, uma senhora de 67 anos de idade, viúva, herdeira da terra que abriga a comunidade. Segundo a própria filha, Rosalee Fernandes, “Dona Delina é uma mulher incrível. Quem vive perto dela... tem aquele desejo, desperta o desejo de ser uma pessoa melhor. Ela tem 13 filhos biológicos, e ela adotou mais 300 filhos. Isso é uma riqueza. Ela é um espelho e um esteio para sustentabilidade de união, confiança, respeito”.<sup>20</sup>

As mulheres como um todo foram as protagonistas de muitos momentos marcantes da história da comunidade. Foram elas as responsáveis pelo rompimento com a Igreja Noiva do Cordeiro. Foram elas também o alvo preferencial das perseguições que a comunidade sofreu ao longo de um século, sobretudo a pecha de prostitutas. Ao mesmo tempo, foram elas as protagonistas dos movimentos de ruptura com a perseguição. Dona Senhorinha de Lima, em 1891, decide romper com seu casamento e vai viver com outro homem, com quem constitui família. Esse gesto contestador da moral da época marcaria as cinco gerações de descendentes que se constituíram até hoje. A comunidade se queixa muito da história de hostilidade em relação aos moradores de Belo Vale. Delina relata que ela e o esposo tiveram problemas constantes com isso, pois eram acusados de serem relapsos e libertinos com suas filhas, especialmente as mais velhas, taxadas de prostitutas. Há ainda o protagonismo de Dona Geraldina,<sup>21</sup> prima de Delina, que, depois de muitos episódios de violência a que estava submetida, decide abandonar o marido que a proibira de visitar Noiva do Cordeiro, e é acolhida por Delina na sua casa em Noiva do Cordeiro.

Aparentemente a situação das mulheres mudou muito. São elas hoje as líderes e defensoras do modelo de vida alternativo forjado na comunidade. A estabilidade dessa liderança é atestada pelas palavras de Edilene Fernandes, presidente da Associação: “Em Noiva do Cordeiro a gente já se superou, porque lá a mulher já tem um poder, uma

---

<sup>20</sup> PEREIRA, IMEDIATO, 2013.

<sup>21</sup> A história de Dona Geraldina está mais detalhadamente contada em outra descrição da história da Comunidade Noiva do Cordeiro, disponível em SCHULTZ, Adilson; ROESE, Anete. Viver sem religião: o caso da comunidade Noiva do Cordeiro. *TECER*, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, 2010. p. 152-158. Disponível em: <<http://pe.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/tec/article/view/40/0>>. Acesso em: 02 maio 2013.



aceitação, um reconhecimento. Temos a Rosa, que é nossa vereadora; eu que estou na presidência da associação, e é uma grande honra representar a comunidade; temos a nossa matriarca, Dona Delina, que é uma pessoa muito especial”.<sup>22</sup> Já a vereadora Rosalee comemora as parcerias e apoio do Conselho Estadual da Mulher, e tenta organizar agora a unidade do Conselho no município de Belo Vale. Comemora também que em Noiva do Cordeiro jamais foi registrado nenhum caso de violência contra a mulher.<sup>23</sup>

### Interpretações teóricas da dissidência em Noiva do Cordeiro

Considerando o relato do caso, pode-se destacar três tipos de dissidência-ruptura na Comunidade Noiva do Cordeiro e, ao mesmo tempo, identificar três tipos de sujeitos dessas rupturas:<sup>24</sup>

**A dissidência de gênero:** Noiva do Cordeiro representa uma dissidência em relação à sociedade quanto às estruturas de gênero marcadas pelo patriarcado, observável em quatro atos:

- a) a rebeldia de Dona Senhorinha de Lima, que decide abandonar um casamento de conveniência para viver com um homem que não era seu marido, acarretando a excomunhão e o história de hostilidade à qual seus descendentes foram submetidos;
- b) a liderança contínua e sustentável de mulheres na Comunidade, que significa já por si só um rearranjo de poder, especialmente Dona Delina, misto de matriarca, líder espiritual-oráculo, e força política, mas também com o protagonismo feminino no trabalho de roça, na presidência da associação de moradores/as e no fato de uma mulher, pela segunda vez, representar a comunidade no legislativo municipal como vereadora.
- c) o fim da convenção social da instituição formal do casamento, com os jovens podendo morar junto com o consentimento dos pais apesar de não serem casados – “a gente casa no coração primeiro – casa no papel só se quiser, mas não precisa”,<sup>25</sup> diz Flávia Imediato, que assegura nunca ter havido qualquer caso de gravidez indesejada, sendo “tudo” conversado antes, inclusive sobre uso de preservativos;
- d) o rompimento com o controle rígido do corpo das mulheres, marcadamente como fim da igreja na década de 1991, inaugurando-se um período onde a vaidade é

---

<sup>22</sup> PEREIRA, IMEDIATO, 2013.

<sup>23</sup> PEREIRA, IMEDIATO, 2013.

<sup>24</sup> SCHULTZ; ROESE, 2010, p. 152-153.

<sup>25</sup> ALVES, 2008.

bastante explorada, numa oposição clara ao regime austero imposto pela igreja. Nesse contexto ganha destaque a recente montagem do espetáculo cover de Lady Gaga, com os jovens destacando ter escolhido a personagem por ela simbolizar o rompimento com o moralismo e o controle dos corpos.

**A dissidência religiosa:** Noiva do Cordeiro representa uma dissidência em relação à sociedade quanto às estruturas religiosas marcadas pela hegemonia cristã, observável em três atos:

- a) a excomunhão de Dona Senhorinha de Lima, a partir do seu ato de dissidência de rejeitar o casamento imposto pela família e viver sem estar casada com outro homem;<sup>26</sup>
- b) a dissidência protestante vivida a partir do surgimento da *Igreja Evangélica Noiva do Cordeiro*, em 1953 até 1990;
- c) e a dissidência ímpar, a decisão de não ter mais religião, sendo forjado um tipo de espiritualidade sem contornos muito claros, quer já dura duas décadas (1991 a 2013), mas que conjuga uma memória difusa tanto do *período fora-do-catolicismo* (1891 a 1953) quanto do *período na-igreja-evangélica* (1953-1991).

**A dissidência econômico-ideológica:** talvez seja melhor falar dissidência capitalista, pois não se trata exatamente de um outro modo de produção, mas uma adaptação, com adoção do regime de produção coletiva, tanto dos produtos rurais quanto dos tapetes e lingerie, partilha de roupas, utensílios e espaço na grande casa comum da comunidade, responsabilização mútua efetiva na educação das crianças, observado na prática de cuidado partilhado e nas aulas de reforço escolar. Essa dissidência talvez seja a mais decisiva, já que se configura como a mais persistente em termos de estrutura social – ou seriam as relações de gênero mais decisivas? Ou a religião?

Um fato ilustrativo da dissidência ideológica da comunidade: perguntada pelo papel da escolinha da comunidade, a informante Maria Imediato<sup>27</sup> conta que além do reforço de conteúdo das aulas da escolinha, realizadas no contraturno da escola regular, é feito uma sistemática “correção” dos valores e coisas erradas que as crianças aprendem na escola. Conta o seguinte caso para ilustrar: a professora responsável pela escolinha observou que uma das crianças não tinha nada anotado no caderno; a criança explicou que ela tinha ficado de castigo na escola regular, porque esquecera o livro didático dela em casa. A professora então pergunta à criança porque ela não sentou ao lado de uma colega que tinha o livro, ao que a criança responde que a professora não deixou. No dia seguinte a professora da comunidade vai com a criança à escola formal para conversar sobre o acontecido, e acaba travando rígida discussão ideológica com a professora responsável

---

<sup>26</sup> Essa informação ainda reserva um grande campo de pesquisa, especialmente a documental, junto à Igreja.

<sup>27</sup> IMEDIATO, 2010.

pelo castigo, pois esta insistia na ideia de que cada criança tinha o seu livro, e era proibido usar o livro do colega, e que o castigo era necessário para que a criança em questão aprendesse a trazer seu livro. Didáticas de castigo à parte, o fato é que a questão de honra da professora da comunidade não era mais a disciplina, mas o fato da escola regular ensinar para as crianças, segundo ela, a noção de propriedade particular, expressa na noção de cada criança ter o seu livro, uma coisa totalmente contra o que se ensina na comunidade, que prima pela partilha de tudo. E conclui: a gente precisa desensinar as crianças.

### **As pessoas em busca da essência: a *matéria vertente* que subjaz a dissidência em Noiva do Cordeiro**

O jeito de ler Noiva do Cordeiro precisa evitar fazer apologia da forma lá desenvolvida e tentar captar o espírito que move aquela forma, mostrar os fatos e eventos que envolvem as pessoas, fazer uma espécie de exegese do fenômeno. Ao fazer isso vai aparecendo o que realmente faz de Noiva do Cordeiro um caso único e, ao mesmo tempo, universal, aquilo que, enfim, subjaz todo fenômeno autenticamente radical, no sentido de ser capaz de chamar a atenção ou instruir o todo sobre o essencial - Noiva do Cordeiro é possível, mas é inimitável! Parafraseando o Riobaldo de *Grande sertão: veredas*,<sup>28</sup> trata-se de encontrar a “*matéria vertente*” que subjaz Noiva do Cordeiro. Não é uma vida de roça interessante ou alternativa que está lá, mas um modo radical e autêntico de humanidade. É uma forma de vida que dá testemunho do processo de humanização, ou de busca de essencialização.

Presumo que as dissidências sempre encantam e atraem nossos sentidos pelo que elas contêm de reserva de autenticidade, de essência. Dissidências radicais são sempre totalizantes. Um movimento autenticamente radical tem capacidade para nos falar de tudo. A luta do movimento social, os gestos de rompimento dos jovens, as críticas intelectuais aos modelos antigos de pensamento... o que vemos aí é um apelo à essência, um ensaio de um processo de essencialização do ser humano. O dissidente guarda-preserva-defende o original, aquela força autônoma estruturante que dá origem a todos os modos de existência. A dissidência sempre será um protesto contra certo ocultamento-adestramento a que determinado processo ou situação está submetido. Justamente ali somos fisgados, justamente naquilo que a dissidência revela de oculto em nós: como toda dissidência, Noiva do Cordeiro diz o que somos e, a um só tempo, anuncia o poderíamos ter e ser. Nos termos da antropologia tillichiana, aqui o movimento revela nossa alienação

---

<sup>28</sup> “Eu queira decifrar as coisas que são importantes. Eu estou contando não é um a vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a *matéria vertente*. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder”. GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. 35. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 83.

em busca de essencialização,<sup>29</sup> dando testemunho de que é possível explorar a elevação das potencialidades da existência, mesmo naquelas vidas mais reprimidas e incompletas, rumo a uma realidade de plenitude de vida. A consequência inevitável é que a dissidência joga luz sobre o consenso. Há uma voz de protesto ou um espírito de dissidência que liga Dona Senhorinha, em 1891, a Dona Delina, em 2013; e obviamente há uma espécie de magma comum que liga a constituição dos sujeitos autônomos e as experiências de dissidência ao longo da história da humanidade.

Nesse sentido, Noiva do Cordeiro carrega um rico elemento pedagógico. Qualquer organização ou movimento social bem sucedido, por mais local e específico que seja, sempre carrega em si grandes reivindicações, sempre mais globais que locais. Essa é a magia de todo movimento social organizado, seja uma greve por melhores salários, seja uma ONG, seja um partido político, ou mesmo uma igreja: estão ensaiando uma nova humanidade! Noiva do Cordeiro se insere nesse tipo de movimento. Ele não é apenas alternativo, mas também radical, porque chama de volta à raiz, e quer não só outro mundo para si, mas também para todo mundo, para a humanidade toda. O apelo coletivo da vida organizada em torno de bens em comum, educação partilhada, trabalho coletivo e responsabilização mútua manifesta um protesto contra a vida baseada no indivíduo isolado, sugerindo uma reorganização baseada na coletividade. De repente, tal qual qualquer pessoa que está inserida num movimento coletivo, cada pessoa deixa de ser apenas indivíduo de direito e deveres e passa a ser artífice de um novo tipo de organização social, agente social que quer uma sociedade mais justa. O sujeito não é mais um indivíduo isolado, mas uma força social, que pode mudar a história. Logicamente a comunidade mexerá profundamente com a consciência individual e coletiva; a nova organização e o novo tipo de sujeito mantêm uma relação de reciprocidade inescapável. O espírito de protesto que contesta a ordem social anda de braços dados com a constituição de sujeitos autônomos. Promover a dissidência, nesse sentido, é promover a constituição de sujeitos autônomos. Quem participa de movimentos reivindicatórios descobre que a experiência da coletivização das demandas mexe com a percepção que o sujeito tem de si e dos direitos dos outros. Daí a força pedagógica de casos como Noiva do Cordeiro. Some-se a isso o fato do movimento sempre expor o conflito – de classe, de religião, de gênero, de etnia –, e daí fazer surgir o confronto de ideias, e assim está criado um ambiente mais seguro e emancipatório para ser. É como se o movimento, assim também Noiva do Cordeiro, fornecesse a todas as pessoas a perspectiva de um futuro, ou a possibilidade da essencialização do ser, onde a sociedade vira uma comunidade de iguais.

---

<sup>29</sup> TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 1981. p. 278-ss, 695-697.

## Constituição de sujeitos: uma teoria sociológica para ler a dissidência em Noiva do Cordeiro

Como é possível explicar as dissidências em Noiva do Cordeiro? Por que aí se dá essa busca de essencialização descrita acima? O que está em sua gênese obviamente são pessoas autônomas que não se submetem a cerceamentos de qualquer tipo. A *teoria do sujeito* formulada por Alain Touraine,<sup>30</sup> e ainda antes disso a teoria do ser-si-próprio formulada por Karl Jaspers,<sup>31</sup> ajudam a ler o que está acontecendo em Noiva do Cordeiro, apontando para a constituição de sujeitos enquanto base para o processo de essencialização pessoal em curso. O sujeito - ou o ser-si-próprio, como prefere Jaspers -, é uma alternativa às vias que normalmente estão à disposição das pessoas para superar a crise civilizacional tecnicista e financista na qual está envolvida a humanidade. Karl Jaspers fala da crise civilizacional criticando a hipocrisia social, que ele chama de crise espiritual, ou o premente “problema do agonizar da cultura”.<sup>32</sup> Segundo Jaspers, para além da crise do capital, da crise do trabalho, da crise educacional do sujeito ou de qualquer outra crise, para além de qualquer uma de nossas “*crises prediletas*”, há uma agonia da civilização, que privilegia o tecnicismo e o financismo em detrimento da cultura e do sujeito. As saídas convencionais para a crise são duas, quais sejam, a via da guetização, ou a linguagem do gueto, marcada por forte identidade comunitária, geralmente exclusivista, e a via da massificação, ou a linguagem da massa, da mimese. Touraine qualificará as duas vias falsas como “participação imitativa” e “enclausuramento comunitário”.<sup>33</sup> Jaspers falará na via falsa da *linguagem apaziguadora*, verdadeiro disfarce da crise, que opera por tentar inserir o indivíduo no mundo tecnicista, produzindo nele o desejo da inclusão, mimetizado no contexto capitalista; e a via falsa da *linguagem da revolta*, o recurso ao micro, que opera por isolar o indivíduo no mundo reivindicatório, produzindo a sensação de proteção tribal, aí diferenciado pela identidade.<sup>34</sup> As duas saídas são falsas porque não ajudam a superar a razão da crise em si, qual seja, a falta de comunicação entre as pessoas e os processos, que permitiriam encontrar saídas reais para a crise. A vida no gueto ou a vida na massa acaba gerando o mesmo isolamento do indivíduo, que sem comunicação com os outros, embora falsamente em comunidade, acaba escravizado. Jaspers dirá que as saídas falsas operam via disfarce, e assim não tocam na questão central da crise, qual seja, a crise do sujeito; não é o indivíduo enquanto ser-si-próprio que aparece, mas o disfarce do grupo ou da massa.

<sup>30</sup> TOURAINE, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>31</sup> JASPERS, Karl. *A situação espiritual do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Moraes Editores, 1964.

<sup>32</sup> JASPERS, 1964, p. 310.

<sup>33</sup> TOURAINE, 1999, p. 73-74.

<sup>34</sup> A semelhança entre a teoria apresentada por Touraine e por Jaspers é tão evidente que parece inevitável e gritante registrar o fato que em momento algum Touraine faz referência a Jaspers! Jaspers escreveu seu livro em 1930 (!) (original em Língua Alemã), e Touraine em 1997 (original em Língua Francesa).

A saída é a constituição do sujeito, único jeito possível de parar o duplo movimento que enclausura a todos ora na globalização-imitação indiferenciada, ora na privatização-identificação autoritária, ambos isolados e sem comunicação.<sup>35</sup> Para Jaspers, a resposta à crise social geral tem um apelo último individual essencial.<sup>36</sup> A alternativa para escapar às duas saídas falsas e superar a crise espiritual do nosso tempo seria, portanto, a construção do *ser-si-próprio*. Em Touraine, o sujeito é forjado justamente na encruzilhada de massa e gueto. “O sujeito está na encruzilhada de princípios gerais e de princípios particulares de conduta”.<sup>37</sup> “O sujeito recusa reduzir a organização social ao mercado e a identidade à comunidade”.<sup>38</sup> O sujeito é caracterizado pelo desejo de ser atriz ou ator de sua própria vida, pela responsabilidade com os outros, pela criatividade na vida. Jaspers denomina o sujeito de *ser-si-próprio*, ou ser-si-mesmo. Para Touraine, “o sujeito é a procura, pelo próprio indivíduo, das condições que lhe permitem ser o ator da sua própria história, [...] de reivindicar o seu direito à existência individual”.<sup>39</sup> “O sujeito é um ser para algo, no sentido da ação, da disposição para a vida social, e não para si mesmo. É como se ao formular a noção de sujeito imediatamente se formulasse a ideia de viver juntos”.<sup>40</sup> Ele é livre não apenas do gueto e da massa, mas livre para as outras pessoas e uma vida criativa. Jaspers destacará que o ser-si-mesmo não é jamais individualista, nem egoísta ou solitário, mas exatamente o oposto, um sujeito participativo e responsável. Sujeito é aquela pessoa que temos à disposição e perto da qual sempre queremos estar.

Não é necessária muita explicação para relacionar a teoria da constituição do sujeito e do ser-si-próprio com o que está acontecendo em Noiva do Cordeiro. Trata-se de um processo de constituição de sujeitos autônomos, que gerarão uma comunidade livre. Há uma espécie de 3ª via sendo gestada em Noiva do Cordeiro, não apenas individual, mas também socialmente, que rompe tanto com o gueto identitário a que a comunidade esteve historicamente submetida quanto com a volta à massa circundante. Há uma relação explícita entre o modo de vida ao qual as pessoas estiveram submetidas e a elevação dessas pessoas acima da condição de vida. Em outras palavras, como o próprio Jaspers diz, a relação dinâmica entre os três planos de existência: Contexto-Consciência-Ação:

O ser localiza-se, primeiro, como existência, em situações econômicas, sociais, políticas. Isso é o inevitável, que acomete a todos igualmente (ou inconscientemente). A existência do ser como CONSCIÊNCIA localiza-se, em 2º lugar, no espaço do cognoscível – tudo aquilo do que ele pode lançar mão para entender esse mundo. O que o ser se torna, em 3º lugar, depende

---

<sup>35</sup> TOURAINE, 1999, p. 190.

<sup>36</sup> JASPERS, 1964, p. 37.

<sup>37</sup> TOURAINE, 1999, p. 204.

<sup>38</sup> TOURAINE, 1999, p. 100.

<sup>39</sup> TOURAINE, 1999, p. 73-74.

<sup>40</sup> TOURAINE, 1999, p. 25.

de quem ele encontra, as possíveis crenças que desenvolve, em suma, o que ele faz disso.<sup>41</sup>

Resta ainda saber como essa constituição do ser-si-próprio se tornou possível em Noiva do Cordeiro e, de resto, em todos os outros movimentos análogos. Que estrutura de vida estava disponível para que sujeitos livres do gueto e da massa se elevassem em Noiva do Cordeiro? Teria sido o isolamento imposto? Teria sido o espírito comunitário rígido e asceta da Igreja Noiva do Cordeiro, como parece ser a hipótese de Dona Delina?<sup>42</sup> As interpretações, aqui, são mais uma vez do estilo exegetico, amparadas no caminho proposto por Jaspers.

Segundo Jaspers, há ambientes mais propícios para que se dê a construção do sujeito. Ele destaca cinco - de resto facilmente identificáveis em Noiva do Cordeiro:

- a) Em termos sociais formais, é necessário para constituir sujeitos um estado de Direito e Justiça, e de garantias jurídicas para ele, inclusive para a dissidência ou transgressão ao que prevê o estado de direito. A dissidência cumpre-se mais frequentemente quando há garantias formais para isso. Isso inclui desde o ambiente familiar, onde as regras e a eventual transgressão delas estão de tal forma constituídas que permitam o risco em nome da liberdade, até o ambiente político público.
- b) Em termos culturais gerais, é necessário um ambiente de Democracia, em todos os âmbitos, onde a luta pela liberdade seja a marca constante da sociedade ou grupo em questão. Pode ser uma família, uma escola, um país, a sociedade toda. De nada vale o ambiente de estado de direito, afinal, se ele é autoritário! Democracia aqui inclui participação política, representação política e também liberdade de pensamento e modos de ser. Modos alternativos e radicais de existência não tem como sair do gueto e forjar uma nova sociedade se o ambiente é autoritário.
- c) Em termos assertivos, é necessário para formar sujeitos um ambiente de educação constante para a autonomia, em todos os âmbitos da vida, inclusive religiosos, mas especialmente na escola formal. A escola é tida por Jaspers como uma espécie de agência de combate consciente em prol da formação de sujeitos autênticos. Na visão de Jaspers, a educação é o meio de tornar o ser um ser-si-próprio na continuidade histórica, para que a memória dos grandes sujeitos não morra. Touraine, ao repetir a mesma estrutura, chega a dizer que a escola deveria trabalhar *contra a sociedade* - contra a família, a religião, a moral, estas estruturas geralmente tão conservadoras e cerceadoras da dissidência -, pois a escola seria o lugar de comunicação segura por excelência, um laboratório de sujeitos.

---

<sup>41</sup> JASPERS, 1964, p. 39.

<sup>42</sup> ALVES, 2008.

- d) Em termos mais pessoais, Jaspers arrisca dizer que é necessário para constituir sujeitos um ambiente para experimentar a grandeza da fé em Deus,<sup>43</sup> no sentido do ser-si-próprio ser livre para crer, experimentando uma ato de liberdade diante da possibilidade de não crer. Eu poderia não crer, mas creio, daí que o crer carrega uma marca de autonomia, inclusive de mim mesmo. Aqui ele pensa mais em categorias de Fundamento do Ser, ou de busca do Novo Ser, nos moldes tillichianos, e não exatamente em divindade ou em divinização marcada pela oposição sujeito-objeto, ou *eu e deus*. Para Jaspers, não é que o crente confie na autoridade da divindade em si, mas na sua fé; o religioso é apenas a ritualização disso. Crer aí é visto como realização da experiência da verdade do seu impulso como movimento do ser-si-próprio. A fé guarda o gérmen do desejo constante de realização e liberdade. A fé se apresenta como uma salvaguarda para afirmar que nunca nos realizamos como ser-si-próprios totalmente, senão que estamos envolvidos numa busca.
- e) E finalmente, o ambiente para forjar sujeitos, o ser-si-próprio, é a dádiva de ter perto de si sujeitos, pessoas autênticas, espíritos nobres e livres, amizades únicas, que nos dão lições de como ser-si-próprio. “A melhor dádiva que hoje se pode colher é a desta proximidade de pessoas autênticas. Elas são a garantia mútua da existência do ser”.<sup>44</sup> Sujeito autêntico ou ser-si-próprio pode ser aquele amigo ou colega ou familiar entre tantos do qual se guarda especial zelo, com quem se quer sempre estar e conversar. Jaspers dirá que pode ser que isso aconteça apenas uma vez na vida, ou poucas vezes, mas esse ser-si-próprio iluminará outras existências para o caminho da autonomia constantemente.

Dos cinco ambientes para a constituição dos sujeitos destacados por Jaspers, dois merecem destaque em Noiva do Cordeiro: a dádiva de ter um sujeito com quem conviver, nesse caso Dona Delina, e o ambiente do crer, nesse caso um contra-crer. Mais surpreendente em Noiva do Cordeiro é o ambiente do crer, por existir um processo que os envolvia ideológica e esteticamente numa aparente impossibilidade e essencialização. Pode ser, no entanto, que a religião aí representava de fato uma espécie de guardiã de uma essência comunitária latente. Some-se ainda a insistência numa educação estilo “contracultura” - que hoje é experimentada pelas crianças na escolinha contra-turno -, e temos uma realidade pronta para constituição de sujeitos, berço de dissidências.

---

<sup>43</sup> JASPERS, 1964, p. 304.

<sup>44</sup> JASPERS, 1964, p. 297.



## Princípio protestante: uma categoria teológica para ler Noiva do Cordeiro

Há também uma reivindicação teológica em Noiva do Cordeiro que está intrinsecamente associada à figura da dissidência, qual seja, a decisão coletiva de rompimento com a religião. Se esse já é um fato teológico grandioso, maior ainda é o fato da vida da comunidade ter melhorado significativamente depois do abandono coletivo da igreja. Formou-se uma comunidade pós-igreja, pós-evangélica, pós-religional na qual a igreja não faz mais sentido. Ela desaparece porque não conseguiu mais agenciar o modo de vida novo que foi sendo forjado em Noiva do Cordeiro. E quais seriam os motivos? Os atores e as atrizes responsáveis pela ruptura com a igreja evangélica dão razões<sup>45</sup> ligadas ao ascetismo – “não podia nem conversar com o pessoal de fora”; à dureza de vida – “fazíamos três jejuns por semana... não podia dançar, ver TV, ouvir rádio”; à pobreza – o povo passava fome; não tinha trabalho aqui, não podia sair, todo mundo fraco pra trabalhar...”; e razões teológicas: “será que com tanta gente no mundo, só nós é que íamos pro céu? Será possível? Aí a gente foi pensando, pensando, e largou a igreja”. No geral há uma percepção de incompatibilidade entre a modo de vida imposto pela igreja e o modo de vida que foi sendo forjado a partir de dissidências desse próprio modo de vida. A religião estilo gueto separava, dividia, obstaculizava, fazia parte... e o espírito comunitário queria juntar, somar, facilitar. Talvez seja mais correto, nesse sentido, dizer que a igreja não teve condições de acompanhar a complexidade do invento social que estava sendo produzido; ou então, em termos weberianos, significa que o modo de vida forjado na presença e na vivência da estética evangélica acabou se rebelando e extinguindo o modo, traindo a afinidade eletiva. Teríamos um curioso caso onde o princípio geral comunitário permanece, e a forma que dava liga para esse princípio já não é mais necessária. Ou então: *Deus (o da religião!) desaparece, e a humanidade permanece.*

É de dentro do próprio protestantismo, no entanto, que emergem as categorias teológicas para sustentar essa comunidade pós-igreja, uma comunidade extremamente “humanista”, solidária, partilhadora, cuidadora, dedicada à vida em comum. Diferentemente do ambiente teológico católico, não é possível ao protestantismo criar um fora-da-igreja, e nem um pós-religião nesse caso. Um lugar teológico poderia ser o profetismo, inserindo Noiva do Cordeiro na tradição da dissidência sem-religião ou pós-religião de Amós, Oséias e Jesus de Nazaré, com seu apelo ético marcado. Outro lugar é a Teologia da Encarnação, afirmando que o *lugar natal* de Deus é justamente onde menos esperamos, justamente numa comunidade onde ele não está mais; Noiva do Cordeiro seria um contratestemunho bíblico.

Mais do que qualquer outra categoria, no entanto, emerge a compreensão eclesiológica protestante assentada na assimetria entre princípio e forma.<sup>46</sup> A correlação,

---

<sup>45</sup> ALVES, 2008.

<sup>46</sup> TILLICH, 1981, p. 509-520; TILLICH, 1992c, p. 183ss; WESTHELLE, Vitor. *Voces de protesta en América Latina*. Chicago: Lutheran School of Theology at Chicago/Hispanic Ministry Program, 2000. p. 92.

ou reciprocidade, ou assimetria entre princípio e forma sobre a qual se assenta toda a constituição protestante parece revelar-se bastante inspiradora para análise do que acontece em Noiva do Cordeiro. Em termos de eclesiologia, a “forma” Noiva do Cordeiro se legitimaria para além da institucionalidade porque está fiel ao princípio do evangelho – inclusão, autonomia, constituição de sujeitos ou do Novo Ser. Forma e princípio dependem um do outro, mas jamais se coadunam, mantendo uma relação assimétrica o tempo todo. O critério fundamental para se decidir se está fora ou dentro, nesse caso, é se aquilo que se vive é fiel ao evangelho, se isso espelha Cristo. Noiva do Cordeiro não é uma igreja, certamente, mas vive o espírito de protesto. É um pós-protestantismo<sup>47</sup> apenas em sentido estrito, no sentido histórico de se colocar depois de um período protestante formal, mas em sentido geral, ela segue “dentro” do protestantismo, mesmo não sendo.

O modelo de análise tillichiano pode ser ainda mais explorado olhando-se para o fenômeno em si, aí revelando a reciprocidade entre o que Tillich denomina “substância católica-universal”<sup>48</sup> inerente a todo movimento reivindicatório ou comunitário autêntico e seu “princípio crítico-protestante”.<sup>49</sup> Certamente Noiva do Cordeiro coloca-se na esteira da crítica e do protesto, mas só o é porque ressoa um reivindicação universal-católica, no sentido de buscar aquele modo de existência como o que revela a essência do ser, toda a capacidade da humanidade - na metáfora do próprio Tillich, se revela aquilo que se conserva sob uma casca cada vez mais dura, mas que continua a existir no miolo: “sempre que se consegue atravessar essa camada e chegar até a substância, o fascínio que ela exerce é extraordinário. [...] Surge em nós, então, o profundo desejo de reconquistar a juventude perdida de nossa cultura”.<sup>50</sup>

No limite dessa questão, o rompimento com a religião em Noiva do Cordeiro pode ser visto como consequência inevitável do modelo de igreja ou religião em curso na contemporaneidade. O modelo religioso dominante apresentado pelo cristianismo levou à desintegração e ao desenraizamento, à fragmentação do ser-humano, das relações e dos valores.<sup>51</sup> Afastou o ser humano das necessidades próprias e essenciais – do si mesmo e, conseqüentemente, da noção de cooperação com outro. Há alguma coisa experimentada na liberdade e fora do catolicismo, um ar de protesto em Noiva do Cordeiro, que torna impossível permanecer em formas enclausuradoras. Aí o princípio protestante já é a crítica

---

<sup>47</sup> O termo aparece literalmente em TILLICH, 1992b, p. 30.

<sup>48</sup> TILLICH, 1981, p. 392.

<sup>49</sup> TILLICH, 1992a, p. 211.

<sup>50</sup> TILLICH, 1992a, p. 211.

<sup>51</sup> Para uma análise de Noiva do Cordeiro a partir da categoria de desenraizamento que marca a sociedade contemporânea, contraposto à categoria de enraizamento característico do fenômeno Noiva do Cordeiro, nos moldes da teoria de Simone Weil, confira ROESE, Anete. Vida sem religião: o caso da comunidade de mulheres Noiva do Cordeiro. In: SOTER (Org.). *Anais do XXIV Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - SOTER*. Versão digital - e-book. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Soter, 2011. p. 1589-603. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2012/01/24%20CONGRESSO%20INTERNACIONAL%20DA%20SOTER%202011.pdf>>

da própria religião, no sentido dela ser “expressão direta e intencional da substância espiritual que, em sua forma cultural, aparece indiretamente e sem qualquer intencionalidade.<sup>52</sup> O que vem depois do protestantismo talvez seja um versão profética de espiritualidade, que precisa descobrir sua força articuladora e reintegradora do ser, que precisa oferecer para a humanidade.

### Considerações finais

Para além da teoria teológica do princípio protestante, e da teoria filosófica do processo de essencialização e da dissidência, e para além da teoria sociológica da constituição do sujeito, há ainda uma última inspiração em Touraine que poderia ser explorada para ajudar a ler Noiva do Cordeiro em sua dimensão universal, naquilo que a Comunidade se eleva sobre todos nós: Noiva do Cordeiro sugere uma espécie de saída *supra-social* para um momento *pós-social* no qual entra a história da civilização ocidente.<sup>53</sup> No argumento de Touraine, após a mais nova grande crise financeira mundial, em 2009, a humanidade teve mais uma evidência de que está encurralada, vendo tolhidos seus esforços de humanização. O domínio da lógica economicista-financeira em detrimento da lógica social, com o fim do sujeito social clássico e, de forma mais gritante, a patética incapacidade generalizada de reverter o domínio ao qual o social está submetido pela lógica financeira, cria um quadro de desânimo e quase desespero. Essa entidade de domínio financeiro elevou-se sobre a sociedade de tal forma, e aí paira com domínio total, que tolhe toda e qualquer resistência mais organizada contra ela.

Frente a esse quadro Touraine reivindica que só a elevação de uma entidade à esfera supra-social é que nos dará condições para tentar deter o curso destruidor e excludente do mundo pós-social que se vive. E qual seria essa entidade? Seria a religião? A política? A moral? Touraine dirá que única entidade que temos à disposição hoje é o ambiente político e moral dos Direitos Humanos, que, se elevada à esfera supra-social, e aí empoderada, poderia fazer resistência a essa outra esfera supra-social de domínio atual, a lógica financeira, e criar estruturas de reintegração da humanidade. Ele imagina uma espécie de *Guerra de Titãs* de verdadeiras entidades supra-sociais, e nisso tem uma intuição desafiadora. A única saída para deter a crise instalada pelo domínio financeiro atual seria

---

<sup>52</sup> TILLICH, 1992a, p. 220.

<sup>53</sup> TOURAINE, Alain. *Após a crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais*. Petrópolis: Vozes, 2011. O pós-social é caracterizado a) pela separação dualista hierarquizada entre a lógica financeira e a lógica social, com privilégio e total independência da financeira, e sua naturalização; b) pelo fim do ator social clássico, o que torna impossível a reivindicação social forte; c) fim da força do conflito de classes, com o alargamento do contingente de desassociados (Castel); d) regime de exceção e violência imposto pelos governos a todo o tempo para manter a paz apesar da injustiça; e) total incapacidade dos líderes políticos, militares, sociais e intelectuais de resolverem os problemas sociais, ficando evidente que as intervenções já não fazem mais sentido e não têm mais êxito para combatê-la.

reconstruir lógicas fortes ligadas aos Direitos Humanos, com um reforço do imperativo da dignidade inerente de qualquer vida, que colocaria o mundo de fato baixo o domínio da vida reintegrada, assim fazendo que os líderes econômicos e especuladores mundiais se submetam aos interesses da população. Noiva do Cordeiro parece ser um laboratório desse mundo pós-social imaginado por Touraine, um ensaio de como poderia ser: viveu seu pós-social trágico, e conseguiu deter a estrutura dominante supra-social desintegradora com a constituição de um ambiente político de dissidência e constituição de sujeitos baseado na dignidade humana, na liberdade, na autonomia e na responsabilidade mútua.

E finalmente: seria esse novo ambiente pós-social uma vitória da religião, ou sua derrota? O próprio ambiente político dos Direitos Humanos e da dignidade humana consegue sobreviver sem um substrato religioso que lhe subjaz? Noiva do Cordeiro sugere que não há como esse ambiente pós-social ser religioso, pelo menos não do modo formal que se conhece hoje, e é paradigmático que a era pós-social que vive Noiva do Cordeiro coincide com um momento pós-religioso. Aí a religião parece mesmo participar da realidade supra-social desintegradora que acossou Noiva do Cordeiro durante um século, e participa também majoritariamente do ambiente desintegrador que se eleva sobre a sociedade contemporânea como um todo. Abre-se aqui a necessidade de renovar a reflexão sobre a capacidade da religião - e do protestantismo - de servir como veículo de reintegração da vida. A maldição lançada sobre Dona Senhorinha de Lima há quatro gerações finalmente chegou ao fim, e isso abre uma brecha de esperança. Parece mesmo que os deuses passam, e a Humanidade permanece.

*[Recebido em: junho de 2013*

*Aceito em: julho de 2013]*